



Leitão da Cunha e Mulholland: no Planalto

Bancos dos EUA voltam a elevar *a prime rate*

Nova Iorque — Pela segunda vez em duas semanas os principais bancos norte-americanos aumentaram a **prime rate**, taxa de juros sobre empréstimos aos principais e mais importantes clientes. A poucos minutos um do outro, o Chase Manhattan, o Chemical e o Manufactures Hanover Trust de Nova Iorque anunciaram o imediato aumento de suas **prime rate**, de 8 para 8,25 por cento, exemplo que foi rapidamente seguido por bancos regionais dos Estados Unidos.

O aumento anterior (de 7,75 para 8 por cento) foi anunciado no início deste mês, quando se soube de uma nova política restritiva do crédito adotada pela Reserva Federal para sustentar as cotações do dólar. Segundo os especialistas, o novo aumento da **prime rate**, sobre a qual se baseiam as taxas de juros para todas as outras operações comerciais dos bancos, foi decidida em função da confirmação de que o Federal Reserve Board (Banco Central americano) tomará medidas para

restringir a oferta de dinheiro.

Depois do anúncio da elevação da taxa de juros preferencial — uma iniciativa isolada no mundo industrial —, deu sinais imediatos de recuperação frente ao marco e ao ien. A decisão do Chase Manhattan, seguida por outros bancos, confirma que os Estados Unidos “somente puderam segurar o dólar elevando as taxas de juros”, comentou o responsável pelo setor de câmbio de um banco europeu em Nova Iorque.

Embora o dólar tenha sido beneficiado, a alta da **prime rate** é vista por analistas como uma evidência de que a economia americana enfrenta problemas sérios — risco de inflação, por exemplo —, o suficiente para preocupar o resto do mundo industrial e principalmente os países endividados do Terceiro Mundo. Para Edward Bernstein, ex-funcionário do FMI e analista do Brookings Institution, de Washington, “o aumento do crédito bancário pesará igualmente nas empresas norte-americanas, e o crescimento será afetado”.